

PROVA! PARA QUÊ?

Reencantar a Educação

Akiko Santos e Ana Cristina S. dos Santos

Publicado no semanário *Rural Semanal*, de 2/5 março/2001

Quando se discute o tema da avaliação, a questão não é a prova em si, mas prova “para quê?”. Todos os professores, ao aplicarem a prova, visam o nível de excelência e a qualidade da educação. O problema é o modo como conseguir essa qualidade e o propósito pelo qual fazemos uso desse instrumento.

Na prática, trabalhamos com uma interpenetração de teorias de avaliação que nem sempre estão evidentes. Destas teorias, consideraremos somente duas lógicas que fundamentam tais práticas:

1. por um lado, a lógica da classificação, seleção, comparação, hierarquização, praticada por atual sistema. Trata-se de uma **lógica da Exclusão**;
2. por outro lado, a lógica da aprendizagem, promovendo o SER HUMANO ao partir da premissa de que todos os alunos são capazes de aprender e que cada um tem uma maneira *sui-generis* de aprender. Esta é a **lógica da Inclusão**.

Elas dão lugar a permanente pugna: o sistema educativo *versus* professores, ou seja, a lógica da exclusão *versus* inclusão; a preparação dos jovens para o mercado *versus* desenvolvimento da autonomia de seres humanos.

Os professores pertencem a uma categoria de seres sonhadores. Preparam uma geração para o presente, mas também para o futuro. A liberdade e a autonomia como objetivos educacionais só têm sentido se contextualizados com os outros, com a coletividade, com a sociedade, com o planeta, com o universo.

Com isto queremos dizer que aquelas duas lógicas são necessárias, a forma como combiná-las depende da visão que o professor tenha da sociedade, da vida, do conhecimento sobre o ser humano, do conceito neutro ou não-neutro do conhecimento e a natureza dinâmica do mercado de trabalho e do ensino.

As provas, como vêm se praticando há décadas, priorizando os níveis de dificuldades e a mensagem latente de exclusão a cada “erro” na resposta, são o terror dos estudantes, motivos de traumas e desistências. As provas indicam as cabeças a serem cortadas. Quando nos deparamos com a pirâmide educacional é que percebemos o número de alunos que perdemos ao longo dos cursos universitários. O instrumento de avaliação utilizado dessa forma, favorece a quem?

Os alunos percebem a mensagem de exclusão acoplada a tais provas e daí o medo e a ansiedade que atrapalham o bom desempenho em horas cruciais, dando “branco”, pois são instantes decisivos, não importando qual tenha sido a sua postura durante o período escolar.

Nesta ótica, a prova é um instrumento de “verificação” e não de “avaliação” da aprendizagem. Cabe aqui diferenciar “verificação” da “avaliação”. Um bom exemplo está numa analogia feita por Cipriano Carlos Luckesi, da Universidade Federal da Bahia: *Imagine vocês se eu vou ao médico, e depois de alguns exames ele constata que estou*

com um princípio de pneumonia, pede que eu vá para casa e volte daqui a uma semana. Daí então, eu volto e o médico faz novos exames e constata que a minha situação havia se agravado, pois os dois pulmões encontram-se tomados por um processo inflamatório, pede novamente para que eu vá para casa e volte daqui a mais uma semana. Provavelmente, eu não voltarei mais.

Um bom médico, examina, avalia e toma providências, depois volta a avaliar e a tomar novas providências, se for o caso. E no sistema de ensino, o que acontece? Em geral examinamos, constatamos e ponto final. Como dizia ainda o professor Luckesi, o médico quando executa este procedimento, mata o corpo, o professor, mata a alma. O médico mata um, o professor mata 40.

Muitos de nós fazemos uso da prova. Ademais, cada área de conhecimento tem a sua forma de avaliação, sendo necessária a autonomia neste campo. Normas institucionais que buscam uniformizar os modos de avaliação, acabam por limitar a ação docente. A norma é apenas um dispositivo legal, que limita a liberdade das partes e ao mesmo tempo garante o seu direito. Como explica o professor Luckesi, é através dela que *o sistema de ensino, pais, professores e alunos, garantem ou não a promoção do estudante. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total de educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, através da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes* (LUCKESI, 1996:71-80).

Assim, na ótica do sistema, de repassar os “conteúdos” necessários para o mercado de trabalho, tem como consequência o conceito coisificado do conhecimento, o conhecimento como uma verdade única, universal e estática, desconhecendo-se o seu caráter dinâmico e provisório. O mesmo “conteúdo” é repetido ano após ano, às vezes, durante uma década, como uma verdade universal e eterno que os alunos terão que absorver. Essa prática esvazia e retira o encanto de aprender, o que por sua vez, leva à necessidade de utilizar provas como um instrumento de pressão, uma forma de fazer com que os alunos estudem.

Mudar esse quadro negativo requer, inicialmente, mudança de conceitos da parte dos professores quanto a **O que é aprender? O que é o homem? Como o aluno aprende? Para que aprender? Para que ensinar?**

Aprender não necessariamente é sinônimo de sofrer. A espécie humana tem sobrevivido e evoluído porque possui mente/corpo que age e reage ao meio ambiente. As bactérias criam resistência porque aprendem e mudam a sua estrutura ante um determinado meio. Isto quer dizer que sobrevive porque “aprende”. Aprende-se para continuar vivo, interagindo com o mundo em permanente mudança. Aprender é **dialogar** com o conhecimento, transformando-o e transformando-se... não apenas memorizar. Como diz Edgar Morin (2000), é melhor uma cabeça “bem-feita” que uma cabeça “bem-cheia”. Aprender é um ato prazeroso. O conhecimento é a razão de vida das pessoas, fortalece a auto-estima, contribui para o auto-conhecimento e auto-valorização. A mensagem que queremos compartilhar com todos os professores da Rural é: **REENCANTAR A EDUCAÇÃO!**

Referências bibliográficas:

- LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 1996.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma; reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.